

Índice

Prólogo	7
Prefácio	11
Capítulo Um	15
<i>No qual relato a minha infância incompreendida, a primeira Experiência da minha vida, a tremenda noite da minha fuga e o meu histórico encontro com o Fradiques.</i>	
Capítulo Dois	41
<i>Inclusão do Trapallete e do Joquito nas minhas Memórias, apresentação do Eduardo Dodó — e relato espirituoso sobre o Ocresta Oxano e o seu incomparável lançamento.</i>	
Capítulo Três	61
<i>Recapitulação do meu primeiro feito heroico, do seu impressionante resultado, alguns pensamentos e uma descrição do comportamento dos Mordiscos.</i>	

Capítulo Quatro	89
<i>No qual a descrição da minha viagem oceânica culmina numa magnífica tempestade e termina com uma terrível surpresa.</i>	
Capítulo Cinco	107
<i>No qual (depois de dar uma pequena amostra dos meus poderes intelectuais) eu descrevo a família Mimeira e a grande Festa Surpresa que me proporcionou algumas honrosas dádivas, oferecidas, pela sua própria pata, pelo Autocrata.</i>	
Capítulo Seis	133
<i>No qual eu fundo uma colônia, sofro uma crise e convoco o Fantasma da Ilha dos Horrores.</i>	
Capítulo Sete	159
<i>No qual descrevo o descerramento triunfante do reconvertido Ocresta Oxano e um acidentado mergulho de ensaio ao fundo do oceano.</i>	
Capítulo Oito	177
<i>No qual relato as circunstâncias do casamento do Trapalbeta, abordo o meu dramático encontro com a Mamã Mumin e escrevo as profundas palavras de encerramento das minhas Memórias.</i>	
Epílogo	201

Prólogo



Uma vez, quando o Muminroll ainda era pequenino, o pai apanhou um resfriado na altura mais quente do verão. O Papá Mumin recusou-se a beber leite morno com sumo de cebola e açúcar e também se recusou a ficar de cama. Sentou-se na cama de rede do jardim a assoar o nariz e a dizer que os charutos tinham um sabor horrível, e o relvado ficou salpicado de lenços por todo o lado. A Mamá Mumin recolhia-os e levava-os embora num cestinho.

Quando o resfriado ficou ainda pior, o Papá Mumin mudou-se para o terraço e sentou-se na cadeira de ba-

loição, embrulhado em cobertores até ao nariz, e a Mamã Mumin trouxe-lhe um grogue de rum bem substancial. Só que, por essa altura, já era tarde de mais. O grogue de rum sabia tão mal como o leite com cebola e o Papá Mumin perdeu todas as esperanças e recolheu à sua cama no quarto do sótão, virado a norte. Nunca antes tinha estado doente e encarou o caso muito a sério.

Quando a garganta atingiu o pico da inflamação, ele pediu à Mamã Mumin que fosse buscar o Muminroll, o Farisco e o Sniff, e todos se reuniram em redor da sua cama. Então, exortou-os a nunca se esquecerem de que tinham tido o privilégio de passar os primeiros anos das suas vidas na companhia de um genuíno aventureiro e pediu ao Sniff que lhe trouxesse a camioneta de porcelana que estava na cómoda da sala de visitas. Mas o Papá Mumin estava tão rouco que ninguém compreendeu o que ele queria.

Depois de lhe terem aconchegado a roupa, de lhe terem dito que tinham muita pena, de o terem reconfortado e de lhe terem dado alguns caramelos, aspirinas e livros divertidos, todos se retiraram e voltaram lá para fora, para o sol.

O Papá Mumin permaneceu na cama, muito maldisposto, e por fim acabou por adormecer. Quando acordou, perto do fim da tarde, já sentia a garganta um pouco melhor, mas de qualquer forma continuava a estar muito maldisposto. Tocou a sineta do jantar que estava

junto à cama e a Mamã Mumin subiu as escadas de imediato para lhe perguntar como se sentia.

“Sinto-me pessimamente”, disse o Papá Mumin. “Mas isso não interessa. Neste momento é importante que dê alguma atenção à minha camioneta de porcelana.”

“O bibelô da sala de estar?”, perguntou a Mamã Mumin, surpreendida. “Que tem ele?”

O Papá Mumin sentou-se. “A sério, não sabes que teve um papel importante na minha juventude?”, perguntou ele.

“Ora bem, foi uma espécie de prémio de lotaria, não foi?”, disse a Mamã Mumin.

O Papá Mumin abanou a cabeça, assoou o nariz e suspirou.

“Tal como eu pensava”, disse ele. “Agora imagina que eu tinha morrido do meu resfriado esta manhã. Então, nenhum de vocês teria a menor ideia da história deste carro elétrico. Provavelmente, aconteceria o mesmo com muitos outros assuntos importantes. Posso ter-vos contado algumas coisas sobre a minha juventude, mas é óbvio que vocês se esqueceram de tudo.”

“Talvez de alguns pormenores menos importantes”, admitiu a Mamã Mumin. “As memórias vão-se tornando vagas com o tempo... Queres jantar agora? Temos sopa de vegetais e sumo de fruta.”

“Mlhec”, disse o Papá Mumin sombriamente. Voltou a cara para a parede com uma tossidela seca.

A Mamã Mumin ficou sentada durante algum tempo a olhar para as costas dele. Depois disse: “Tive uma ideia: da última vez que arrumei o sótão, encontrei um caderno bem grosso, ainda por usar. E se tu escrevesse lá toda a história da tua juventude?”

O Papá Mumin não respondeu, mas parou de tossir.

“E não seria esta mesmo uma boa altura, agora que tens um resfriado e de qualquer modo não podes sair daqui?”, continuou a Mamã Mumin. “Como é que se diz, quando se escreve sobre a nossa vida?”

“Ora, são as memórias”, disse o Papá Mumin.

“E depois podias ler-nos aquilo que escrevesse”, disse a Mamã Mumin. “Depois do pequeno-almoço ou depois do jantar, por exemplo.”

“Isso vai tomar-me algum tempo”, exclamou o Papá Mumin, empurrando para longe os cobertores. “Não se escreve um livro com essa facilidade toda, acredita. Não lerei uma palavra em voz alta enquanto não tiver um capítulo completo e, primeiro, apenas o lerei para ti e só depois para os outros.”

“Está bem, parece boa ideia”, disse a Mamã Mumin. Foi procurar ao sótão e encontrou o caderno.

“Como se sente ele?”, perguntou o Mumintröll.

“Melhor”, disse a mãe. “E agora vais ter de fazer muito pouco barulho porque o teu pai vai começar hoje a escrever as Memórias dele.”



Prefácio



Eu, o Papá Mumin, estou hoje sentado junto à minha janela a olhar para o meu jardim, onde os pirilampos bordam os seus misteriosos sinais na escuridão de veludo. Floreados perecíveis de uma vida curta, mas feliz!

Como pai de família e proprietário de uma casa, contemplo com tristeza a juventude tempestuosa que estou prestes a narrar. Enquanto seguro a minha caneta de memórias, sinto na pata um tremor de hesitação.